



**U LISBOA**

UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas

UNIVERSIDADE DE LISBOA

**Descendentes de Cabo-Verdianos e Angolanos Após o 25 de Abril –  
Identidade Pessoal e Cultural**



**Candidata:** Íris Teresa Pires Lima

**Orientador:** Professor Doutor Fausto Amaro

Dissertação para obtenção de grau de Mestre em Política Social

**Lisboa**

2013



**U LISBOA**

UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

**Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas**

UNIVERSIDADE DE LISBOA

**Descendentes de Cabo-Verdianos e Angolanos Após o 25 de Abril –  
Identidade Pessoal e Cultural**

**Candidata:** Íris Teresa Pires Lima

**Orientador:** Professor Doutor Fausto Amaro

Dissertação para obtenção de grau de Mestre em Política Social

**Lisboa**  
2013

À minha mãe pelo apoio e amor incondicional e especial e a todos aqueles que lutam  
pelo um bem maior e melhor para todos.

“O Futuro pertence aqueles que acreditam na beleza dos seus sonhos”

**Eleanor Roosevelt**

## AGRADECIMENTOS

Ao corpo docente do Mestrado de Política Social, em especial ao meu orientador Professor Doutor Fausto Amaro, pela orientação e disponibilidade.

Aos entrevistados, pela partilha das suas experiências de vida.

À minha família pelo amor, amizade, carinho e incondicional apoio, em especial:

As minhas avós. À Xó, por me mostrar o que é ter bondade e amor no coração e se interessar verdadeiramente pelos outros, querendo e fazendo sempre o bem, por me ajudar a obter as ferramentas necessárias para um futuro risonho, por ser a minha alma gémea e a pessoa fantástica que é apoiando-me e estando sempre ao meu lado. À avó Lourdes pelo interesse, carinho e por falar sempre crioulo comigo e me ligar ainda mais a Cabo-Verde. Aos meus R's, por serem os irmãos mais fantásticos e me darem equilíbrio. Às minhas amigas pela amizade e constante interesse. Ao meu pai, por me ensinar a não aceitar tudo como uma verdade absoluta e levar-me a contestar e a entender melhor o mundo. À minha MãE por me aceitar como sou, estar sempre ao meu lado, ser o meu *yíng* e criar um mundo só para nós. Ao meu tio Pita que festeja comigo dentro do meu coração as minhas alegrias e pequenas conquistas.

## RESUMO

A geopolítica mundial, após a 2ª Guerra Mundial “obrigou” vários países a aceitar a descolonização. No caso das colónias portuguesas e após anos de guerra colonial, o 25 de Abril originou a saída das tropas portuguesas levando à independência e em algumas colónias à guerra civil.

A vinda de imigrantes e refugiados provenientes das ex-colónias, em específico de Angola e Cabo-Verde, para Portugal, provocou mudanças sociais e culturais, não só na sociedade de acolhimento, mas no próprio indivíduo acolhido. Angola e Cabo-Verde têm uma identidade subjacente ao seu país, às pessoas que o compõem e ao próprio processo de colonização. A cabo-verdianidade ou a angolanidade são exemplos de formas de estar características desses países que se definem por aspetos específicos da sua cultura. A mudança para Portugal trás um novo contexto social e o indivíduo acolhido é sujeito ao processo de aculturação, em que a assimilação de uma nova realidade cultural e social pode ter impacto na identidade pessoal e cultural do indivíduo, sendo a família, a escola e as instituições sociais fatores importantes na construção do Eu relacionado com o Tu. Os testemunhos reais recolhidos para este estudo pretendem perceber o impacto do novo contexto social nos indivíduos entrevistados.

**Palavras-chave:** Identidade; Aculturação; Assimilação; Cultura; Descolonização; Sociedade.

## ABSTRACT

The geopolitical world, after the 2nd World War "forced" to accept various countries decolonization. In the case of the Portuguese colonies and after years of colonial war, April 25 forced the departure of the Portuguese troops leading to independence and in some colonies to civil war.

The arrival of many immigrants and refugees from the former colonies, in particular from Angola and Cape Verde to Portugal caused social and cultural changes, not only in the host society, but the individual himself. Angola and Cape Verde have an identity behind his country, the people who make up and to the process of colonization. The *cabo-verdianidade* or *angolanidade* are examples of ways to be characteristics of those countries, which are defined by specific aspects of their culture. Moving to Portugal behind a new social context and the individual is accepted subject to the process of acculturation, assimilation into a new cultural and social reality can impact personal and cultural identity of the individual, the family and the school and social institutions are important factors in the construction of an I related to a you. The testimonials collected for this study are intended to realize the impact of the new social context in the individuals interviewed.

**Keywords:** Identity, Acculturation, Assimilation, Culture, Decolonization; Society.

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
1. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO	2
1.1 Tema e Contextualização do Tema	2
1.2 Métodos e Técnicas de Investigação/Recolha de Dados	3
2. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO	5
2.1 25 de Abril uma Nova Realidade	6
2.2. As realidades de Angola e Cabo-Verde	7
2.2.1. Colónia Angolana	8
2.2.2. Colónia Cabo-Verdiana	9
3. A SOCIEDADE QUE CONSTRUÍMOS	10
3.1 Comunidade e Estrutura Social	11
4. IDENTIDADE PESSOAL	13
4.1 Família	14
4.2 Eu e o Outro	16
5. ACULTURAÇÃO E ACULTURAÇÃO PSICOLÓGICA	18
5.1 Consequências do processo de aculturação	21
5.2 Stress de aculturação	25
6. INTEGRAÇÃO SOCIAL	27
7. ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS ENTREVISTAS	30
CONCLUSÃO	39
BIBLIOGRAFIA	45
ANEXOS	
Guião da Entrevista	
“As grandes linhas da política de acolhimento e integração de imigrantes em Portugal” - ACIME	

## INTRODUÇÃO

*A única realidade social é um indivíduo...O conceito de sociedade é um puro conceito.* (Fernando Pessoa)

Num mundo cada vez mais globalizado o indivíduo encontra-se perante encruzilhadas que o meio político, social e económico lhe apresenta. O Homem é cada vez mais cidadão do mundo. As fronteiras geográficas derrubadas pela alteração do conceito Estado-Nação, pelos processos migratórios e até pelas inovações tecnológicas podem trazer novas identidades ou como refere Carlos Diogo Moreira contribuir para a caducidade de outras trazendo à discussão questões básicas da cultura, do vínculo social e do contrato político.

Este trabalho foi realizado no âmbito do Mestrado em Política Social, do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa, no ano letivo de 2012/2013. O tema escolhido “Descendentes de Angolanos e Cabo-Verdianos após o 25 de Abril”, reflete a jornada dos filhos de angolanos e cabo-verdianos, nascidos em África, após a sua chegada a Portugal entre 1975 a 1978, ainda com idades na infância, início da adolescência e na adolescência, tendo como finalidade perceber se a mudança de país influenciou a construção das suas personalidades.

Atendendo a que o objetivo desta dissertação é perceber o impacto desta mudança em dez indivíduos entrevistados, estes não constituem uma amostra representativa do universo, logo, o estudo não deve ser extrapolado.

De forma a responder-se à pergunta de partida “a identidade pessoal é influenciada pela conjuntura que nos envolve?” é importante traçar um conjunto de objetivos para este trabalho, assim sendo, com a realização deste estudo pretende-se perceber de que maneira a mudança de país alterou a forma de vida dos filhos de emigrantes e refugiados das ex-colónias portuguesas Cabo-Verde e Angola; conhecer e analisar os problemas que estes jovens encontraram na chegada a Portugal; saber se a integração na sociedade portuguesa foi bem-sucedida; analisar as diferentes histórias dos refugiados; perceber com que países se identificam mais (país de origem ou país de acolhimento)



saber se a cultura africana faz parte da vida dos filhos dos imigrantes e por fim contextualizar a realidade sociopolítica de Angola e Cabo-Verde.

## **1. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO**

A escolha deste tema deve-se à proximidade com a realidade em estudo, pela ascendência cabo-verdiana e porque na altura do 25 de Abril a família veio para Portugal oriunda de Angola e Cabo-Verde, e também ao gosto pela área da Imigração e Reinserção Social. Procura-se também perceber de que forma os descendentes de Angolanos e Cabo-Verdianos encaram a mudança de realidade cultural, social e económica e que impacto esta mesma mudança tem na ligação que estabelecem com o país de origem e país de acolhimento, tentando ainda perceber como explicam a formação da sua identidade cultural e pessoal, tendo em conta o contacto entre a cultura de origem e a cultura de acolhimento.

A utilização do termo “descendentes” deve-se ao facto de os indivíduos entrevistados, para efeitos deste estudo, serem naturais de Angola e Cabo-verde e os motivos que conduziram à saída dos países de origem diversificarem entre a procura de melhores condições de vida (imigrantes) e a fuga de uma situação de guerra, no caso de Angola, (refugiados). Tendo em conta que o estudo aborda as duas realidades e que a escolha de um dos termos exclui automaticamente o outro, optou-se por utilizar a palavra “*descendentes*”, com o objetivo de caracterizar, nesta dissertação, os indivíduos nascidos em Angola ou Cabo-Verde que vieram para Portugal, após o 25 de Abril, ainda na infância, início da adolescência ou na adolescência.

### **1.1 Tema e Contextualização do Estudo**

Para responder à pergunta de partida “a identidade pessoal é influenciada pela conjuntura que nos envolve?” são abordados ao longo do trabalho conceitos e teorias, com o propósito de perceber mais sobre o tema e refletir sobre as conclusões retiradas. Este estudo tem uma dimensão descritiva e explicativa, na medida em que refere aspetos significativos relacionados com o tema e procura explicar comportamentos associados a determinados fenómenos. Para a sua realização recorrer-se-á ao método histórico e qualitativo na medida em que se efetuará uma contextualização histórica e teórica.

Assim sendo, primeiramente foi feito um pequeno enquadramento histórico de forma a compreender a “ação” no tempo e no espaço. Aborda-se a conjuntura mundial após a 2ª Guerra Mundial, focando a pressão sobre os países colonizadores, com o propósito de darem a independência às suas colónias; A forma como Portugal geriu esta pressão internacional e a mudança que o 25 de Abril trouxe face às antigas colónias portuguesas; A realidade de Angola e Cabo-Verde ainda como colónias e os movimentos de libertação criados nestas colónias.

Ainda no enquadramento teórico reflete-se sobre a sociedade, a sua estrutura e certos elementos que a compõem de forma a compreender as suas características e como estas se relacionam com o tema. Aborda-se também a questão da *identidade pessoal* e a aculturação tentando perceber as consequências positivas e negativas e todo o seu processo, percebendo como estes dois conceitos se ligam à identidade cultural.

Tendo em conta a Política Social, também se revelou importante focar a integração social e as políticas de acolhimento em relação aos imigrantes em Portugal, assim como algumas instituições de apoio ao imigrante.

## **1.2 Métodos e Técnicas de Investigação / Recolha de Dados**

Para a recolha de dados e fundamentação deste estudo foram utilizadas as seguintes técnicas de investigação:

**Entrevista:** As entrevistas pretendem refletir sobre a realidade que os descendentes de angolanos e cabo-verdianos se depararam em Portugal, na segunda metade da década de 70, e sobre as consequências que a mudança repentina de país, sociedade e cultura lhes trouxeram/trazem no seu crescimento pessoal, familiar e social. A informação obtida baseou-se na recolha de dados, que foram posteriormente analisados e contextualizados com as teorias apresentadas no trabalho.

Foram realizadas dez entrevistas abertas a indivíduos que se enquadram no perfil do estudo:

- Cinco entrevistas a angolanos (três do sexo feminino e dois do sexo masculino<sup>1</sup>), chegados a Portugal, entre 1975 a 1978, com idades de 10 a 18 anos e atualmente com idades compreendidas entre os 46 a 56 anos de idade;
- Cinco entrevistas a cabo-verdianos (três do sexo masculino e dois do sexo feminino), chegados a Portugal, entre 1975 a 1978, com idades de 11 a 17 anos e atualmente com idades compreendidas entre os 49 a 55 anos de idade.

Estas entrevistas aconteceram como uma conversa casual (cara a cara e por telefone) onde os entrevistados responderam às questões colocadas, dando a entender que as respostas não são uma reação ao acontecimento (deixar o seu país de origem e deparar-se com uma nova realidade cultural, social e económica e todos os processos que daí resultam), mas sim, uma reflexão sobre o acontecimento, a reação ao mesmo e aos anos que passaram. Por certo o pensamento sobre o evento é diferente devido a vários fatores como a idade, a personalidade e a adaptação a um novo meio social.

**Análise de conteúdo:** Foi feita uma análise de conteúdo e transcritos excertos das entrevistas no presente trabalho de forma a evidenciar o sentimento dos entrevistados e a comparar as informações por eles fornecidas com as teorias abordadas.

**Recolha de dados:** foi utilizada a documentação indireta através de pesquisa bibliográfica em fontes tradicionais (livros e artigos) assim como fontes eletrónicas. E as já referidas entrevistas.

Para responder à problemática analisou-se as respostas às entrevistas realizadas e conjugou-se com as teorias já apresentadas de forma a estabelecer um pensamento lógico e a retirar conclusões, no entanto, é de destacar que este estudo não pretende representar a realidade dos descendentes de angolanos e cabo-verdianos em Portugal, não sendo possível generalizar o sentimento destes. A conversa estabelecida com os dez indivíduos resulta numa reflexão sobre as suas vidas e acontecimentos nelas ocorridos, ajudando a responder à questão da identidade pessoal e cultural.

---

<sup>1</sup> Como o número de entrevistas a cada nacionalidade é ímpar o sexo que tem mais pessoas entrevistadas de nacionalidade angolana, será o que tem menor pessoas entrevistadas na nacionalidade cabo-verdiana.

## 2. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

Angola, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Cabo-Verde, Macau e Timor<sup>2</sup> passaram a ser uma extensão do território português a partir de 1951, deixando assim de existir o “Império Colonial Português”. Esta foi a forma de Salazar gerir a pressão internacional que recaía sobre os países colonizadores.

O mundo estava a mudar – época, fim da 2ª Guerra Mundial – existia uma forte oposição ao colonialismo e imperialismo, tendo como principais apoiantes os Estados Unidos da América (EUA) e a antiga União Soviética (URSS), duas grandes potências mundiais que se opunham por motivos distintos. A par dos EUA e da URSS também a Organização das Nações Unidas (ONU), organismo criado em 1945 após a guerra, contrariou o colonialismo e imperialismo – *“Desenvolver relações de amizade entre as nações baseadas no respeito do princípio da igualdade de direitos e da autodeterminação dos povos, e tomar outras medidas apropriadas ao fortalecimento da paz universal.”* (Carta das Nações Unidas, Artº1/2; 1945).

A nível internacional, o sentimento e espírito nacionalista levava as colónias a um desejo de libertação. Por certo a mudança de estatuto das colónias portuguesas para províncias ultramarinas contentou por um tempo mas, foi no final dos anos 50 que os movimentos de libertação se intensificaram e a luta pela independência começou a ser mais forte, evidenciando-se em Angola com a formação de dois partidos, Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) por António Agostinho Neto e União dos Povos de Angola (UPA) e em Cabo-Verde e Guiné-Bissau com o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) fundado em 1959 por Amílcar Cabral, Aristides Pereira, Luís Cabral, Fernando Fortes, Júlio de Almeida e Elisée Turpin agindo na clandestinidade até 1963.

É em 1961 que tem início a Guerra Colonial ou Guerra do Ultramar que opôs os movimentos de libertação de Angola, Guiné-Bissau, Cabo-Verde e Moçambique às forças armadas portuguesas, terminando apenas em 1974 com o 25 de Abril.

---

<sup>2</sup> O Estado Português da Índia (Goa, Damão e Diu) não consta devido à situação em Inglaterra e Portugal

## 2.1 25 de Abril uma Nova Realidade

Com a *Revolução dos Cravos*<sup>3</sup> uma nova realidade surge, não só para Portugal como para as colónias portuguesas, que conquistaram a independência entre 1974 e 1975, no entanto, a forma como a descolonização foi feita<sup>4</sup> originou uma reorganização do poder nas ex-colónias, motivando nos países em que existia mais de um partido a lutar pela independência, como por exemplo Moçambique e Angola, conflitos armados e a guerra civil o que resultou no regresso de portugueses que já consideravam África a sua pátria, de portugueses nascidos nas ex-colónias, de naturais dos territórios em guerra ou de outras ex-colónias, os primeiros considerados retornados e os segundos refugiados de guerra.

A guerra não foi o único motivo que originou o êxodo dos naturais das ex-colónias para Portugal, a luta por melhores condições de vida, também. É aliás difícil de calcular o número exato de pessoas vindas das ex-colónias para Portugal logo após o 25 de Abril, pois qualquer pessoa que tivesse nascido nas ex-colónias, até à data da independência, era considerado cidadão português<sup>5</sup>.

*“Entrei em Portugal como retornado, era esse o meu estatuto, mas a verdade é que eu nunca tinha posto os pés em Portugal! Senti-me um completo estranho, num ambiente não digo hostil, mas havia um olhar de través, e aquelas chacotas, aqueles insultos que toda a gente na minha situação ouviu. Era a terra-mãe, puseram-me cá, é verdade, mas depois abandonaram-me. (...) ”* (Testemunho de Mário Pires, Adamopoulos:103; 2011)

---

<sup>3</sup>Revolução dos Cravos ou 25 de Abril foi um golpe militar que levou ao fim da ditadura em Portugal, no dia 25 de Abril de 1974. Denominada de Revolução dos Cravos pelo simbolismo que estes tiveram na revolução (a população distribuiu cravos vermelhos e colocou-os no cano das armas dos militares).

<sup>4</sup> O 25 de Abril de 1974 permitiu a cessação dos combates por parte das forças militares portuguesas, sendo a independência das colónias dada entre 1974 e 1975, não ocorrendo um processo de descolonização. As ex-colónias, principalmente Moçambique e Angola ficaram expostos a uma guerra civil uma vez que o poder foi disputado entre os partidos que anteriormente lutavam pela independência (MPLA e UNITA) (Wikipédia, 2013).

<sup>5</sup> Decreto de Lei 308/75 que vigorou até 1981 (Fontes; sd)

Era uma realidade diferente aquela que as pessoas que vinham das colónias encontravam. Talvez existisse mais liberdade com o 25 de Abril, mas seria esta liberdade sentida da mesma forma por pessoas que saíam dos seus países (antigas colónias) para o desconhecido e com poucas certezas se iriam voltar ou não à sua terra? *“Nunca mais voltei a Angola (...) gostava muito de lá voltar, quem viveu em Angola guarda sempre uma grande saudade daquele país (...).”* (Testemunho de Mário Pires, Adamopoulos:100; 2011).

## **2.2 As realidades de Angola e Cabo-Verde**

Apesar de fazerem parte da mesma pátria, até então, todas as ex-colónias tinham aspetos sociais e culturais diferentes e vivências e formas de atuar distintas. Será legítimo pensar que o fato das ex-colónias se situarem no continente africano naturalmente afasta qualquer tipo de semelhança cultural em relação à metrópole, visto que cada uma tem uma identidade subjacente ao seu país e às pessoas que o compõem. Cabo-verdianidade ou Angolanidade são exemplos de formas de estar características de Cabo-verde e Angola que se definem por aspetos específicos da sua cultura. A chegada a Portugal revela naturalmente um impacto nesta forma de pensar e agir intrínseca ao cidadão angolano ou cabo-verdiano consequência do choque de culturas diferentes.

Apesar destas ex-colónias pertencerem ao continente africano e cada uma delas possuir a sua identidade cultural distinta, as realidades presentes na altura da guerra colonial fizeram com que as pessoas que de lá saíram tivessem posições diferentes na chegada a Portugal. No caso de Angola o território angolano era palco de uma guerra civil e a maioria das pessoas que voltaram para Portugal (portugueses retornados) ou que chegavam pela primeira vez (refugiados), fugiam da guerra. Em Cabo-Verde a razão não seria essa dado que nunca houve guerra armada em território cabo-verdiano, contudo, poder-se-á considerar refugiados os cabo-verdianos fugidos de Angola na altura da guerra civil.

### 2.2.1 Colónia Angolana

O contacto por parte dos portugueses a Angola iniciou-se no século XV, sendo descoberta por Diogo Cão mas só no século XX, mais precisamente em 1920 é que Portugal deteve o domínio integral do território angolano. A política levada a cabo pelo Estado Novo tinha como propósito uma economia assente no sector empresarial, representada pelos portugueses que vinham da metrópole e no sector agrícola onde as funções eram desempenhadas pela população africana, com o propósito de cultivar produtos que a metrópole precisava (café, milho, etc.). As condições laborais e salariais não eram as mais favoráveis e muitas vezes a população era obrigada a aceitar trabalhos com salários mais baixos por uma questão de sobrevivência e porque tinha que pagar impostos e taxas que lhes eram atribuídos.

Foi no final dos anos 50 e início dos anos 60, com referido anteriormente, que os movimentos de libertação começaram a aparecer, nomeadamente, Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) por António Agostinho Neto, União dos Povos de Angola (UPA) que em união com o Partido Democrático de Angola (PDA) deu origem a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) de Holden Roberto e ainda a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA) de Jonas Savimbi. Apesar de todos os partidos representarem o mesmo desejo de liberdade face ao domínio português, a sua base de formação e a sua composição era diferente.

- Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) – Tinham ligações com o comunismo e vínculo com os países do *Pacto de Varsóvia*<sup>6</sup> e a sua base social era os Ambundu (população mestiça).
- Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) – Resulta da união dos partidos UPA e PDA, tinha um forte vínculo aos Estados Unidos da América e a sua base social era os Bakongo.

---

<sup>6</sup> Aliança militar dos países do bloco socialista, composto por União Soviética e países do leste europeu, no pós-Segunda Guerra Mundial, formada a 15 de Maio de 1955 (Wikipédia, 2013)

- União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA) – Ligação com a China e a sua base social eram os Ovimbundu.

Em 1961 inicia-se o conflito armado em Angola, mas é em 1962 que Portugal procede a algumas mudanças na colónia a fim de estabilizar o descontentamento e a vontade de ser independente da metrópole. A referida mudança de estatuto da colónia para província e posteriormente “Estado de Angola” ou o novo sistema de ensino são medidas efetuadas de forma a evitar a luta pela independência. No entanto nenhuma delas afastou o desejo dos partidos de lutar por um Estado livre e independente e a guerra colonial continuou até 1974.

Com o 25 de Abril as tropas portuguesas saíram de Angola e a guerra colonial deu lugar a uma guerra civil, tendo como principal motivo as diferenças entre os partidos que até então tinham lutado juntos contra o poderio de Portugal. Esta realidade de guerra civil fez com que muitos portugueses, angolanos e emigrantes em Angola fugissem do país tornando-se assim refugiados de guerra.

### **2.2.2 Colónia Cabo-Verdiana**

Cabo-Verde foi descoberto no século XV, em 1460 por Diogo Gomes, navegador português. É um arquipélago constituído por dez ilhas: Boavista, Brava, Maio, Sal, São Nicolau, Fogo, Santo Antão, Santiago, Santa Luzia e São Vicente. Aquando da descoberta de Cabo-Verde aparentemente não existiam indícios de povos que habitassem as ilhas. O processo de colonização por parte de Portugal começou logo após a descoberta das ilhas e logo se seguiu o seu povoamento, primeiramente de Santiago e do Fogo. A localização geográfica das ilhas de Cabo-Verde servia como entreposto comercial de escravos e era também um ponto estratégico nas rotas comerciais entre o Brasil, Portugal e a costa litoral do continente africano onde existiam outras colónias portuguesas (Angola, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe). Após a abolição da escravatura em 1876, a importância das ilhas de Cabo-Verde em relação à metrópole diminuiu.



Na segunda metade do século XX e à semelhança de Angola, também os movimentos de libertação começaram a agir com o propósito de alcançar a independência. No caso de Cabo-Verde o partido com maior impacto na luta por o referido objetivo era o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC). O PAIGC tinha o propósito de lutar pela independência de Cabo-Verde e da Guiné-Bissau, inicialmente era um movimento pacífico, mas devido ao pouco impacto que os seus pedidos de independência e retirada das tropas portuguesas da Guiné tinham perante Portugal, o partido optou por medidas mais violentas entrando em guerra com as forças armadas portuguesas, em 1962 na Guiné-Bissau.

Cabo-Verde estava sob domínio de Portugal mas não era uma preocupação ativa da metrópole que permitia, inclusive, que fosse administrado pelos naturais do Arquipélago criando assim uma noção de autossuficiência em relação ao colonizador. Este sentimento de autossuficiência fazia com que os habitantes da colónia quisessem a sua independência pois aos seus olhos - *"O indígena de Cabo Verde é ativo e trabalhador."* (Tavares; 1912). A 5 de Julho de 1975 Cabo-Verde proclamou a sua independência.

### **3. A SOCIEDADE QUE CONSTRUÍMOS**

Segundo Herbert Spencer poderá considerar-se a sociedade, como um conjunto de um certo número de indivíduos, sendo que numa visão nominalista a sociedade existe pelo seu todo e pela união das partes e quando assim não é passa apenas a ser uma designação sem valor. Pode-se então depreender que uma sociedade só o é verdadeiramente se entre si estabelecer relações que alimentem a ideia de que cada parte que a compõe é parte integrante e importante no todo intemporal (dura por muitas gerações e séculos) com um espaço territorial próprio. (Spencer, apud Cruz; 2004). As sociedades não são estáticas e é esse um dos fatores que a definem como sociedade, não só pelo seu crescimento em relação a fatores demográficos com a natalidade, mas também no que respeita às relações que estabelecem no seu seio, agregados sociais, grupos, comunidades todas estas relações definem a estrutura social da sociedade.

Sabendo-se que a sociedade é um organismo vivo (Spencer, apud Cruz; 2004), a sua estrutura social tem como uma das características o dinamismo e naturalmente a complexidade inerente a qualquer organismo que é afetado com qualquer acontecimento até agora desconhecido.

É aqui que se estabelece um paralelismo em relação ao período da descolonização portuguesa e mais especificamente em relação à entrada de várias pessoas vindas das ex-colónias. A vinda de uma grande parte de pessoas das ex-colónias teve um impacto na realidade da sociedade portuguesa, assim como em todas as pessoas que desembarcaram em Portugal. Se de um lado o organismo vivo que é a sociedade estava a ser alterado pela entrada de novos cidadãos diferentes na génese dos cidadãos portugueses, provocando naturalmente uma mudança e adaptação às exigências que a nova realidade lhes pedia, do outro também as pessoas que imigraram do seu país (muitos fugidos da guerra) eram obrigadas a adaptar-se de modo a fazer parte de uma nova sociedade e contexto sociocultural. Por certo a sociedade portuguesa com as características que tem e a forma como é, jamais o seria se a história não nos “empurrasse” para determinadas realidades, obrigando cada parte ativa da sociedade a “remodelar” a estrutura social.

Será, no entanto, que nesta remodelação da estrutura social se perde a identidade de uma cultura? E o indivíduo que chega de uma realidade totalmente diferente, perderá automaticamente a sua essência ou construirá outra?

### **3.1 Comunidade e Estrutura Social**

Comunidade é um conjunto de pessoas que partilham um território geográfico e de algum grau de interdependência que proporcionam a razão para viverem na mesma área (Allan, 1997). Quando se está noutro país a comunidade que representa os valores e costumes típicos da terra natal é um importante elo de ligação ao país de origem. Esta funciona como uma forma de proteção do indivíduo, que chega ao país de acolhimento, para que não se sinta desprotegido e sozinho, sendo-lhe mais fácil a inserção na comunidade, pois partilham os mesmos costumes e valores, e posteriormente uma melhor integração na sociedade de acolhimento.

*“O conceito de comunidade não é apenas uma "construção" (modelo), é uma "Construção Sociológica." É um conjunto de interações, comportamentos humanos com significado e expectativas entre os seus membros (...) têm como base a partilha de expectativas, valores, crenças e significados entre os indivíduos.”* ([www.cec.vcn.bc.ca](http://www.cec.vcn.bc.ca))

É importante perceber as características das comunidades de forma a entender o seu papel na vida do indivíduo que chega a um país diferente do seu. Sendo assim, sabe-se que as comunidades têm fronteiras pouco definidas (pois as interações entre os indivíduos de uma comunidade estabelecem-se para além dos limites geográficos), as comunidades podem inserir-se noutras comunidades (existem comunidades que fazem parte de outra ao mesmo tempo) e podem mover-se. No que respeita as comunidades urbanas estas diferem das outras pois são comunidades com características distintas uma vez que à medida que vai aumentando a comunidade tende a tornar-se heterógena e a definição das suas características demográficas (naturalidade, sexo, língua, etc.) torna-se mais abrangente, podendo originar a formação de outras comunidades, dentro dela mesma.

É legítimo pensar que as características sociais e culturais têm impacto nas ligações que nós estabelecemos com a nossa comunidade, ainda mais quando nos encontramos num país diferente do nosso. *“A cultura tornou-se a chave da interpretação que o indivíduo adquire do seu grupo, o modo de pensar, de sentir, de acreditar, o mecanismo de regulamentação normativa do comportamento. Tudo é cultura – um princípio e um fim.”* (Perreira:77; 1998)

Quando a conjuntura nos coloca numa situação onde o indivíduo tem que se redefinir, impõem-se questões. Que referência irá ele buscar para perceber quem é? Será a identidade influenciada pela conjuntura que nos envolve?

#### 4. IDENTIDADE PESSOAL

*“ A identidade é em qualquer circunstância, uma questão, complexa: mas é-o mais tratando-se da identidade resultante dum contacto de culturas (...). ”* (Duarte:7; 1998)

Ter a consciência do que se é, de onde se vem e o que define a nossa existência como indivíduo são por certo preocupações comuns na vida. Num mundo constituído por países com diferentes nacionalidades e culturas, revela-se importante o sentimento de pertencer a determinado grupo, comunidade ou “lugar” para que o indivíduo seja parte integrante de um meio social, sendo este, a par do meio ambiental e comunitário, decisivo para a construção da sua personalidade (Calado, 2013). Esta ligação que o indivíduo estabelece com o meio que o rodeia reforça um sentimento de pertença e estimula-o a um comportamento social, à partida comum, entre todos os indivíduos da sociedade, podendo no entanto este comportamento divergir em certos aspetos tendo em conta a conjuntura que rodeia o indivíduo – *“Todo o Homem é em certos aspetos a) como todos os outros Homens, b) como alguns Homens, c) como nenhum outro Homem.”* (Kluckhohn; Murray apud Neto:1, 2003)

Revela-se importante distinguir entre o conceito de personalidade e identidade sendo a primeira *“ uma característica do ser humano que organiza os sistemas físicos, fisiológicos, psíquicos e morais de forma que, interligados, determinam a individualidade de cada ser ”* (Cabral: 1, sd) e a segunda *“o conjunto total das nossas características próprias que nos fazem únicos e exclusivos, diferentes de todos os outros seres humanos (...) são muito mais que características psicológicas. A identidade é o conjunto de características, psicológicas, físicas, culturais, etc.”* (Elói:1, 2013).

Depois de definidos estes conceitos, este estudo, forçar-se-á na identidade e na maneira como é construída tendo em conta diversos fatores.

Segundo alguns estudiosos a identidade ou a ideia que fazemos de nós mesmos está ligada à cultura e aos aspetos étnicos e raciais (Raveau,1987) ou ainda a outros fatores como o sexo e as qualificações psicológicas (Neto, 1986). Em senso comum

pode afirmar-se que a identidade pessoal, aquilo que nos caracteriza como indivíduos, define o nosso comportamento, atitudes e ações, sendo mesmo o *“resultado de uma vida examinada, interpretada e narrada, de um si que se vê a si mesmo como um outro sempre possível”* (Faia: 215, 2001) e em que existe uma *“ construção e desconstrução permanentes de um eu (...) múltiplo e integrado (...) ”* (Faia: 215, 2001).

Compreende-se então que o ambiente (continente, país, cidades ou aldeias) em que o indivíduo viveu ou vive e a comunidade e cultura que integrou ou em que está inserido pode ter um papel preponderante na construção da sua identidade, bem como, as influências genéticas e o conjunto de comportamentos que adquire ao longo da sua existência e da sua vida atual são modeladores da personalidade de cada um (Hélio, sd), logo da sua identidade.

*“A ideia de identidade é intrínseca à própria natureza humana: não há nenhum momento em que não pensemos em nós em termos de semelhanças e diferenças em relação aos outros. A própria percepção que temos do nosso ser é espelhada pela percepção que os outros têm de nós.”* (Vaz: 36, 2006) Pode-se perceber que a noção que cada indivíduo tem do seu “ser” está diretamente ligada a forma como se relaciona com o “outro”, às diferenças ou semelhanças que regista e que adota como características que fazem parte do seu ser ou não.

Entre todos os fatores externos e internos que têm repercussão na construção da personalidade e entendimento da mesma, a família revela um papel primordial, que proporciona o primeiro contacto com o mundo exterior.

#### **4.1 Família**

Tendo em conta os diferentes tipos de famílias é difícil chegar a uma definição exata para o termo, sendo que *“(...) do ponto de vista da organização social, podemos dizer que as famílias são grupos sociais que têm algumas características próprias. A primeira característica é que (...) permanecem por períodos alargados de tempo (...) cada um dos elementos pode pertencer a duas famílias, uma em que nasceu e na qual foi feita a sua socialização, chamada família de orientação, e outra que pode vir a*

*formar quando se une a pessoa de outra família de orientação (...). Uma segunda característica (...) é que são inter-geracionais (...) pode compreender várias gerações (...).”* (Amaro: 15, 2006).

Para fins deste estudo e de forma a compreender a influência da família na personalidade do indivíduo, a família de orientação será a que se irá abordar, pois é através deste agente de socialização primária que aprendemos regras básicas, desde hábitos de higiene a como nos comportarmos em sociedade (Amaro 2006). É neste segundo ponto que os valores que são transmitidos pela família se revelam importantes, na medida em que ajuda o indivíduo a como desempenhar papéis sociais, através da construção de um sistema em que a atribuição deste papéis aos elementos que constituem a família reflete o que se designa de aprendizagem social (Santos, sd).

Aprendizagem social tem por base a teoria do psicólogo Albert Bandura, que explica este tipo de aprendizagem como a capacidade que o indivíduo tem de reproduzir um comportamento observado. Segundo Bandura a imitação, observação e reprodução dos comportamentos dos outros em situações sociais (modelos sociais já existentes) são os impulsionadores da aprendizagem social, ou seja a forma como o indivíduo age em situações sociais reflete-se na forma como *o outro* age também, traduzindo-se esta interação fundamental para o processo de socialização (Infopédia, 2003).

O conceito de socialização define-se como “*o processo pelo qual o indivíduo aprende a ajustar-se ao grupo, através da aquisição de um comportamento social que o grupo aprova*” (Gould; Kolb, 1964). Sendo assim pode-se afirmar que a família é o primeiro e grande contacto com *o outro* que o indivíduo estabelece (socialização primária), possibilitando a socialização e a aprendizagem. Estes dois conceitos são peças fundamentais na construção da identidade e personalidade do indivíduo, pois o meio envolvente pode determinar a forma como se vê alguma realidade. É na família que são transmitidos os valores que posteriormente dão ao indivíduo a capacidade de refletir sobre assuntos da vida quotidiana e dar-lhes um significado pessoal e dissociável de qualquer outra opinião.

Toda a realidade envolvente acarreta e estimula uma opinião, posição e parecer em relação a si mesma, e a forma como determinada pessoa a interpreta difere consoante a base de aprendizagem que esta teve. A família é uma base importante na construção do nosso ser (Calado, 2013), seja quais forem as suas características, estas irão ter um impacto e definirão os comportamentos (de forma igual ou contrária) em relação à personalidade de um dos elementos da mesma.

## 4.2 Eu e o *Outro*

Em entrevista no programa “Sociedade Civil” da RTP2<sup>7</sup>, com o tema - A personalidade vem no ADN?”, Pedro Calado, diretor do “Programa Escolhas”<sup>8</sup>, afirmou que a construção da personalidade é um misto dos traços genéticos que adquirimos da nossa família, com a influência da sociedade que nos rodeia, deixando a ideia de que a natureza põe condições e o ser humano dispõe de meios para se construir – “*Nós não somos só nós, somos também através dos outros*”, sendo a socialização a base da construção da personalidade do indivíduo.

A socialização engloba necessariamente a socialização primária e secundária e como referido anteriormente a socialização primária tem como principal foco a família e a relação do indivíduo com esta sendo o primeiro contacto deste com *o outro*. É no entanto com a socialização secundária que o indivíduo entra num “*processo que decorre ao longo da vida depois da socialização primária e que permite ao indivíduo a interiorização de novos papéis sociais ou valores respetivos a outros fatores da sociedade (...)*” (Amaro, 2006). É aqui que se processa a saída da “zona de conforto”, o encontro com referências e valores diferentes e a solidificação de uma forma de estar, pensar, agir e atuar por parte do indivíduo. Escolhas, atitudes, comportamentos, ações tomam uma dimensão de grupo mas ajudam ainda mais a definir o individual e a colocá-lo numa posição no meio social desencadeando uma visão sobre eles e inserindo-os naquilo a que denominamos de vida em sociedade.

---

<sup>7</sup> Programa da RTP2, “Sociedade Civil - A personalidade vem no ADN?” - Episódio 154, emitido a 23 de Agosto de 2013.

<sup>8</sup> Programa governamental de âmbito nacional, criado em 2001, promovido pela Presidência do Conselho de Ministros e integrado no Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural – ACIDI, IP, cuja missão é promover a inclusão social de crianças e jovens de contextos socioeconómicos vulneráveis.

*“O Homem se torna EU na relação com o TU”* (Buber, 1979)

Será seguro dizer que toda esta jornada compõe a identidade do indivíduo? E esta identidade será estanque assim que o indivíduo se insere na sociedade? Ou as influências que dela recolhe podem moldar ainda mais a sua personalidade?

É comum, hoje em dia manifestar-se comportamentos e atitudes características de diferentes sociedades e comunidades para além da nossa. O que somos não é apenas um reflexo da nossa sociedade, país ou o que uma comunidade nos oferece e representa, mas também um conjunto de outras características que viemos a compreender e a aceitar através do conhecimento e interação que estabelecemos com outros povos.

Esta interação tem na sua base vários fatores entre as quais os fluxos migratórios originados por conjunturas sociais, políticas ou económicas e a globalização que é uma das responsáveis pelo maior contacto entre diferentes povos. É através da globalização que estabelecemos uma rede de conhecimento sobre outras culturas, para que possamos conhecer, respeitar e mesmo adotar alguns comportamentos, rituais ou mesmo a língua. A globalização permite uma interação não só cultural, mas também económica, política e social. Através da globalização pode afirmar-se que é aberta uma porta para acabar com o desconhecimento em relação a outras sociedades, culturas, rituais, costumes, entre outros e potenciar o diálogo cultural.

Os autores Paulo Freire e Martin Buber que abordam o tema do diálogo intercultural, consideram que para a existência humana é fundamental o diálogo entre pessoas empenhadas na busca do sentido da vida. Este diálogo é essencial para aqueles que procuram encontrar um maior significado da sua existência e necessidade de querer mais, reconhecendo assim, que o Homem tem mais para evoluir, só sendo possível esta evolução quando nos relacionamos com outras pessoas que também procuram evoluir (Freire, 1983).

Também para o filósofo Martin Buber a base da existência é a relação que temos com os outros, sendo assim, Buber considera que o encontro entre o TU e o EU permite-nos mostrar a importância da nossa existência e que independentemente das



nossas características próprias, que tendem a ser distintas, o que verdadeiramente importa na relação entre as pessoas é a reciprocidade.

Com base nestas teorias podemos concluir que o Homem só encontra a sua plenitude na relação que estabelece com *o outro* e nas várias vezes que encontra *o outro*, o que leva a considerar a interação entre as várias comunidades essencial para nos desvendarmos a nós próprios. Mas que impacto tem esta interação na personalidade pessoal? Poderá afirmar-se que existe uma parte da nossa identidade pessoal imutável e uma parte que se vai transformando tendo em conta a aprendizagem, socialização?

Quando se fala em fluxos migratórios ou globalização fala-se inevitavelmente em mudança social e de uma mudança cultural – *“processo que resulta em mudanças ao nível da população devidas a acontecimentos internos e dinâmicos.”* (Neto: 45, 2003) é este o ponto que se pretende abordar na realização deste trabalho. Perceber o impacto da mudança social e cultural na identidade do indivíduo. No decorrer do processo de socialização a construção da identidade e imagem por parte do indivíduo ajuda-o a seleccionar as ações e relações sociais (Amaro, 2006), será então legítimo pensar que a conjuntura que envolve o indivíduo na sua adolescência representará uma parte importante no seu ser.

No que respeita a uma mudança social, mais precisamente uma mudança cultural o indivíduo irá sofrer vários processos que irão intervir com a sua forma de se ver e consequentemente comportar.

## **5. ACULTURAÇÃO E ACULTURAÇÃO PSICOLÓGICA**

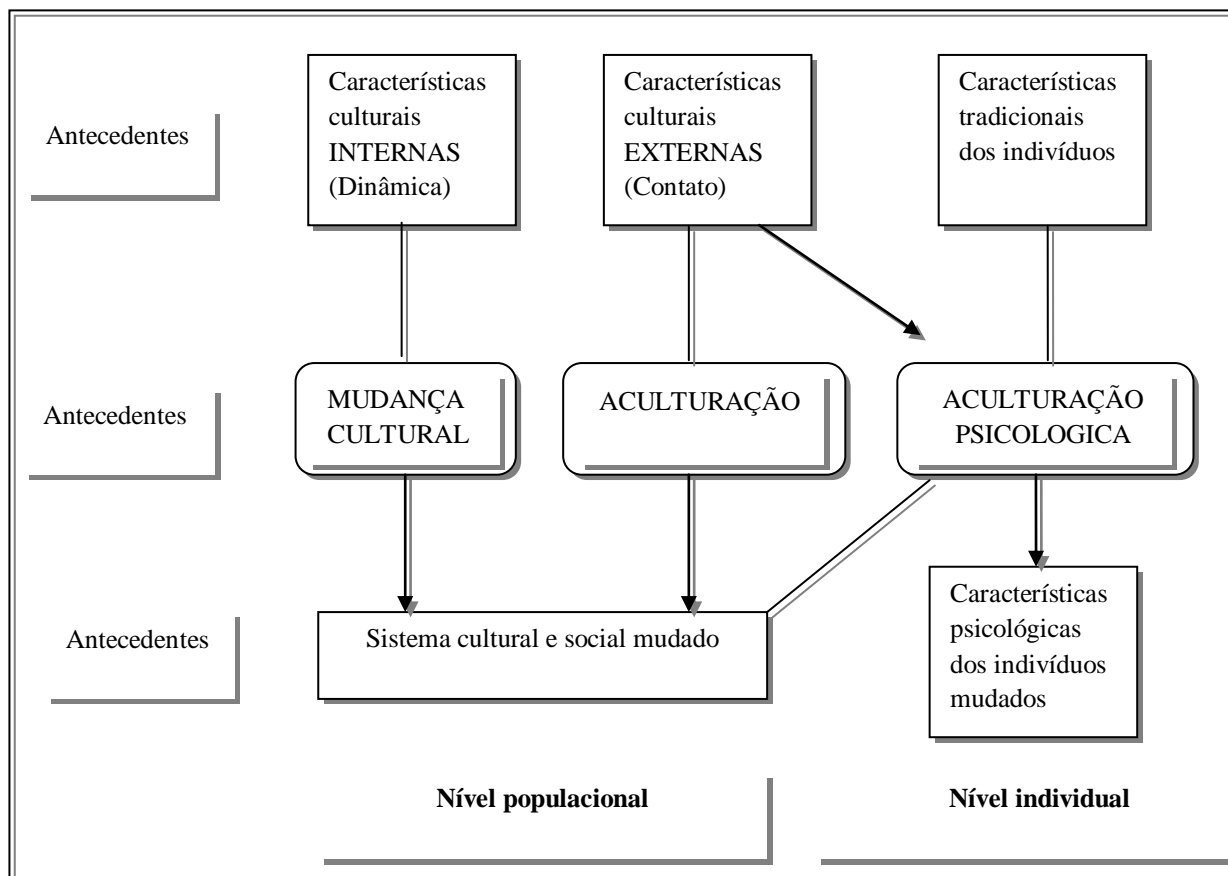
Segundo Herbert Spencer a sociedade não é mais do que uma designação coletiva para uma certo número de indivíduos que possui uma personalidade muito própria, no entanto quando exposto a diferentes culturas o indivíduo tende a adaptar-se e adquire um conjunto de características, valores e comportamentos da maioria. A esta exposição, interação e contacto a uma cultura diferente denomina-se de aculturação, leva a modificações culturais no indivíduo e pode ter na sua base interações diretas incitadas por conquistas militares, colonização, exílio de refugiados, emigração ou

turismo (Pires, 2010). Estes fatores potenciam o contacto com outra realidade cultural diferente e tem um papel importante na construção de novas sociedades em que os indivíduos que as compõem podem ter realidades diferentes tornando estas sociedades miscigenadas.

O processo de aculturação, segundo Redfield, Linton e Herskovits (1936), resulta de contatos contínuos e diretos entre dois grupos culturais diferentes e engloba também o conceito de aculturação psicológica em que o processo de aculturação pode implicar no indivíduo consequências psicológicas (Graves, 1997). A aculturação e a aculturação psicológica assumem diferenças em relação às mudanças que delas decorrem, sendo que em relação à primeira, as mudanças refletem-se no todo e são mudanças sociais, económicas, políticas; enquanto a segunda as mudanças operam-se a nível individual e refletem-se no comportamento, identidade, valores e atitudes. É de registar no entanto que as mudanças que se observam em relação à sociedade não englobam, da mesma maneira, todos os indivíduos em aculturação (Neto, 2003).

Sabe-se ainda que no contacto com outras culturas, despoletado pela evolução tecnológica e científica, o indivíduo pode ser apenas observador ou participar diretamente no processo. O conceito de aculturação pode também ser distinguido segundo o modo com se processa. A aculturação por destruição acontece quando determinada sociedade impõe a sua cultura a uma outra cultura fazendo com que esta se torne insignificante ou mesmo com que desapareça, por outro lado aculturação por assimilação é a influência da cultura de uma sociedade a outra, não extinguindo a cultura inicial desta, mas sim adicionando uma nova realidade cultural (Pires, 2010).

Quando se fala de aculturação aborda-se também o conceito de enculturação – “*processo que liga o desenvolvimento das pessoas aos seus contextos culturais (...)*”, uma vez que é importante saber como o indivíduo se desenvolve se, se insere no novo contexto, que tipo de consequências retira desta nova realidade e se terão impacto no seu “*eu*”.



**Fig. 1** – Variáveis em relação ao estudo da mudança cultural e da aculturação.  
**Fonte:** Segall, Dasen, Berry e Poortinda, 1990 apud Neto, 2003.

Segundo a Figura 1 – Variáveis em relação ao estudo da mudança cultural e da aculturação – pode observar-se em que âmbitos acontecem as mudanças culturais que surgem do processo de aculturação. Analisando a figura, quando se fala de características culturais externas fala-se da introdução de novas características que trazem algo de novo, como por exemplo novas instituições, industrialização, etc., que dão origem à aculturação pois existe uma assimilação por parte do indivíduo a novas atividades ou práticas, que podem gerar consequências psicológicas no mesmo (Neto, 2003).

Em relação às características internas, segundo o autor Felix Neto a criatividade, a descoberta e inovação levam a uma mudança cultural, pois são fatores internos (ao nível individual) e dinâmicos (nunca estáticos e por isso em constante mudança), que como referido anteriormente resultam na mudança cultural. Uma das conclusões a que se chega na observação da figura 1 é que qualquer influência cultural interna ou externa resulta num sistema cultural e social alterado e numa alteração psicológica no indivíduo.

Ainda no que respeita as características do processo de aculturação, segundo o modelo linear de aculturação (Glezer e Moynihan, 1963; Gordon, 1964 apud Neto, 2003) o propósito do processo seria a construção de uma sociedade homogénea. Sendo assim os emigrantes abandonavam os seus valores e costumes culturais, adotando os valores e costumes da sociedade de acolhimento. Como objeção a esta ideia foi criado o modelo multilinear de aculturação (Berry, 1980 apud Neto, 2003) que prevê que o indivíduo não processa apenas a assimilação de novos valores e costumes, esquecendo os seus, mas que pode optar por um conjunto de atitudes em relação à nova realidade que lhe é apresentada. Entre estas atitudes compreende-se: a Assimilação, a Integração, a Separação e a Marginalização.

## **5.1 Consequências do processo de aculturação**

Segundo Furnham e Bochner (1986) as sociedades são classificadas segundo a sua: extensão da homogeneidade interna, ou seja na sua composição tendo em conta identidade étnica/ cultural ou ainda as suas diferenças externas, como o clima, a geografia, os recursos económicos ou os seus padrões socioculturais (Neto, 2003). No que respeita à homogeneidade interna, fala-se que um país tem uma sociedade homogénea quando as pessoas que dela fazem parte têm uma identidade étnica ou cultural semelhante, não estabelecendo grandes desafios na interação com indivíduos de culturas diferentes, tendo, a partida, uma facilidade nas relações inter-sociais (relações entre as várias pessoas de determinada sociedade), em comparação com uma país em que a homogeneidade interna não se verifique.

No caso de uma sociedade heterogénea as relações inter-sociais e as relações intra-sociais (relações dentro da sociedade) têm na sua base as diferenças entre a

população de acolhimento e a população acolhida (Neto, 2003). É estabelecido em relação ao estrangeiro (aquele que entra num meio diferente) um conjunto de expectativas (Rose e Felto, 1955; Schild, 1962 apud Neto, 2003). O facto de este ter iniciado contacto com uma sociedade que tem as suas próprias regras segundo uma visão particular e distinta das outras sociedades (embora possam existir aspetos semelhantes) cria no indivíduo um alerta na forma como deve agir e nos modelos sociais presentes no país. A forma com o indivíduo chega e age segundo as expectativas que recaem sobre ele, pode ditar a maneira como este é recebido na sociedade e os desafios e problemas que daí advém.

A raça, a cor da pele, a língua e a religião são características que afetam o contacto do indivíduo com a nova realidade social (Klineberg, 1971 apud Neto, 2003). Estas características podem levar o indivíduo a construir uma barreira, dando origem ao “*nós*” (onde se inclui e onde estão representadas os membros da sua comunidade) e “*eles*” (as pessoas que não se inserem na sua comunidade, que tende a ser a maioria da sociedade) (Neto, 2003).

Quando é formada esta diferenciação entre o “*nós*” e o “*eles*” existe uma necessidade de evidenciar as diferenças de cada grupo, gerando conflitos com o propósito de cada grupo se diferenciar do outro, pois ambos os grupos têm os mesmos objetivos mas apenas um deles os poder alcançar (Sherif, 1970 apud Neto, 2003).

Pode afirmar-se que a divisão entre o “*nós*” e o “*eles*” para além de gerar conflito, leva inevitavelmente à discriminação e preconceito (Tajfel, 1970 apud Neto, 2003), podendo desencadear situações de conflito mais tenso e violento (como por exemplo, lutas de gangs). No entanto quando existe discriminação não está necessariamente implícita uma atitude hostil em relação aos membros de qualquer grupo.

Mudanças comportamentais, de personalidade e cognitivas, a linguagem, a identidade e as atitudes sofrem influências e são modificadas durante o processo de aculturação (Neto, 2003). Seguidamente explica-se em que dimensões se processam estas mudanças, tendo em conta o autor Felix Neto (2003).

**Mudanças comportamentais:** Dentro das mudanças comportamentais registam-se as mudanças físicas (local onde o indivíduo passa a residir que contem características diferentes daquele que antes residia), biológicas (tipo de alimentação, novas doenças), culturais (religião, educação, valores e língua) e sociais (relações entre os indivíduos da sociedade).

**Mudanças de personalidade:** A maneira de estar das pessoas do país de acolhimento pode ter influência na personalidade do indivíduo da comunidade acolhida. Aqui o grau de aculturação define as mudanças na personalidade. No entanto se alguns indivíduos podem adaptar ou mesmo mudar a sua personalidade, outros esta alteração pode não se registar, dependendo, segundo Berry (1980) se o indivíduo opta ou não pela assimilação das características da sociedade de acolhimento.

**Mudanças cognitivas:** Percebe-se que as normas do grupo dominante têm peso nestas mudanças, assim como a educação formal. No entanto nestas mudanças contam também com a existência de duas realidade culturais diferentes (Buriel, 1975, apud Neto, 2003) que pesam na construção do “*ser*” levando a uma “*distribuição de estilos ou a um estilo bicultural.*” (Neto:58; 2003).

**Linguagem:** Este é um ponto fulcral da adaptação à nova realidade social e cultural, pois a língua é o fator de maior importante na comunicação entre as pessoas. As diferenças entre a língua falada observam-se de geração para geração (Sanches, 1989, apud Neto, 2003), sendo que é garantido que a geração a seguir aquela que emigrou (e por isso, ou nasceu ou iniciou os primeiros anos da sua vida no país de acolhimento) se expresse melhor na língua de acolhimento, tornando-a a sua segunda ou mesmo “primeira” língua. A língua de origem pode ser preservada pela família, de forma a manter o simbolismo da língua materna. Características como o semilinguismo<sup>9</sup>, bilinguismo<sup>10</sup> e biglotismo<sup>11</sup> são comuns.

---

<sup>9</sup> “ As crianças não possuem igualmente os dois sistemas linguísticos, tendo um conhecimento aproximativo da língua materna e da língua do país recetor.” (Neto:54; 2003)

<sup>10</sup> “As crianças aprendem simultaneamente duas línguas diferentes (...)” (Neto:54; 2003)

**Identidade:** No que respeita às mudanças na personalidade, deve-se compreender primeiro que existem fatores importantes (Brill e Lehalle, 1988 apud Neto, 2003) a ter em conta: a identidade sexual (diferença de género e papéis sexuais), a análise socio-histórica (num mundo com sociedades tão diferentes, a importância de saber qual a base social e histórica de onde o indivíduo vem e que impacto tem na sua identidade) e identidade cultural (comportamentos que se registam em contato com outras realidade culturais e formas de assegurar aspetos culturais da “cultura de origem”).

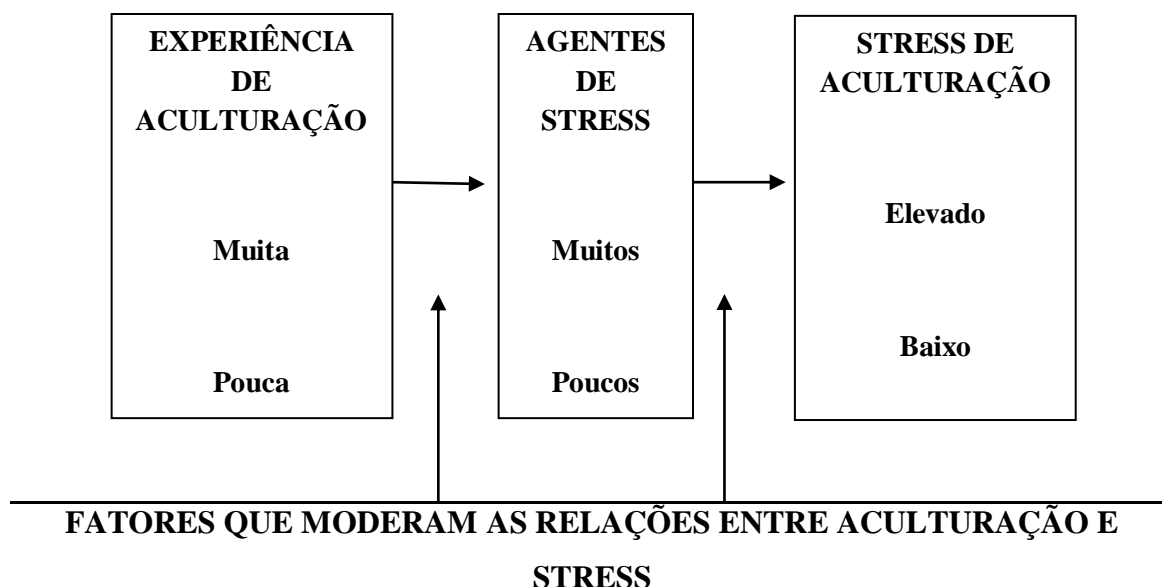
**Atitudes:** Como anteriormente referido o indivíduo, segundo o modelo multilinear de aculturação (Berry, 1980 apud Neto; 2003) pode optar por diversas atitudes em relação a nova realidade que lhe é apresentada: Assimilação, Integração, Separação e Marginalização.

- Assimilação: Existe um abandono da identidade cultural em prol da identidade cultural do país de acolhimento;
- Integração: Conjugação entre a identidade cultural e étnica do indivíduo e a sua participação na sociedade de acolhimento. Separação: O indivíduo opta por salvaguardar a sua identidade cultural não estabelecendo relações com os membros da sociedade do país de acolhimento.
- Marginalização: Devido às políticas da sociedade de acolhimento a comunidade acolhida perde a sua identidade cultural sofre discriminação e é posto à margem da sociedade de acolhimento.

---

<sup>11</sup> “Adquire uma nova língua após a língua da família.” (Neto:54; 2003)

## 5.2 Stress de aculturação



- Natureza da sociedade (pluricultural ou monocultural);
- Tipo de grupo em aculturação;
- Modos de aculturação (integração, assimilação, separação e marginalização);
- Características demográficas e sociais do indivíduo (idade, sexo, apoio social, etc);
- Características psicológicas do indivíduo (atitudes, valores, identidade, estratégias de confronto, etc.).

**Fig. 2** – Relações entre aculturação e stress

Fonte: Berry , Kim, Minde e Mok, 1987, in Neto, 2003

*“O stress de aculturação acarreta uma redução na saúde dos indivíduos e pode incluir aspetos físicos, psicológicos e sociais. Note-se, todavia, que o stress não é necessariamente negativo. Também pode ser uma força positiva e criadora que estimula e motiva o funcionamento psicológico do indivíduo.”* (Neto:62, 2003)



Stress de aculturação pode ser uma consequência do processo de aculturação. Como referido anteriormente existem duas formas de se proceder à aculturação, a negativa e a positiva. Este é um dos pontos que vai fazer a diferença no que respeita ao sentimento do indivíduo em relação à aculturação. Quando o processo de aculturação contem vários fatores e agentes de stress (ver Fig. 2) é normal que esse seja o sentimento retido pelo indivíduo em aculturação. A composição da sociedade de acolhimento é um fator importante na forma como o indivíduo se sente socialmente, à partida este sentirá maior conforto numa sociedade diversificada e tolerante (Neto, 2003), pois não será visto como diferente. Também a atitude do indivíduo em aculturação, assim como da sociedade de acolhimento no processo de aculturação (assimilação, integração, separação e marginalização) como anteriormente mencionado, têm impacto e podem conduzir a um stress, na medida em que a realidade social com a qual vai contactar é alterada devido a pressupostos (ideias pré-concebidas) que ambas as partes tomam como certos conduzindo o comportamento quer o indivíduo em aculturação em relação à sociedade de acolhimento, quer desta em relação ao indivíduo. Em foco principal tanto as características sociais com as psicológicas do indivíduo têm um papel primordial na definição de atitudes e comportamentos que este vai adotar e no feedback que vai ter da sociedade, sendo que a maneira como esta o recebe/acolhe, os meios que lhe disponibiliza, a ideia que dele tem, a liberdade de ação e expressão que lhe dá, entre diversos fatores, também molda o comportamento e visão do indivíduo em relação à sociedade, formando assim uma espécie de relação de dependência em que a troca, a compreensão e a tolerância são palavras-chave.

## **6. INTEGRAÇÃO SOCIAL**

A integração social procura estabelecer uma espécie de coesão e união social, sem no entanto deixar de reconhecer que a sociedade é diversificada e os indivíduos que nela vivem, pensam, agem e comportam-se de formas distintas criando uma realidade social independente das estruturas sociais e culturais (Schutz, 1953). Pode pensar-se que se a realidade que se constrói é independente das estruturas sociais e culturais, apenas a ação humana e as relações entre os membros da sociedade é que fornecem uma verdadeira integração social, sendo que as estruturas sociais e culturais representam um completo e ajudam os membros da sociedades a se relacionarem respeitando as suas diferenças e reconhecendo que podem criar relações de interdependência partilhando as suas experiências.

Segundo Anthony Giddens (1984), a integração social tem como base a interação e a reciprocidade entre os agentes sociais. No entanto nenhuma política de integração social deve ter como propósito eliminar as diferenças entre os membros da sociedade, mas sim avaliá-las e orientar o indivíduo a aceita-las como parte da sua nova realidade. Assim sendo, existem fatores que ajudam na integração social nomeadamente uma unanimidade acerca dos valores que regem a sociedade (não no que eles representam para cada membro da sociedade, mas no geral), cooperação e interajuda social (de forma a se construir uma sociedade coesa e com direitos iguais) e a participação dos indivíduos no meio social (Infopédia, 2003).

O indivíduo no país de acolhimento encontra um conjunto de desafios e realidades que precisa enfrentar de forma a poder integrar-se na sociedade. A imagem que tem da sociedade de acolhimento e dos seus membros e a imagem que estes têm do indivíduo e da sua sociedade de origem tem um impacto e pode mesmo definir o tipo de relação entre eles. Para que o sinta integrado na sociedade o indivíduo deve ser parte ativa do sistema social e entre os vários fatores de integração o papel das instituições e organizações sociais é muito importante, na medida em o seu dever é fornecer ao indivíduo condições sociais iguais aos membros da sociedade.

As sociedades atuais são caracterizadas pela diversidade contém em si uma variedade de realidades e identidades (Berger, Luckman, 1986) e dever dos governos garantir que as políticas de imigração são eficazes e correspondem às exigências dos imigrantes - *No século XXI, a política de imigração será um dos indicadores que definirá cada sociedade: “diz-me que política de imigração tens e dir-te-ei quem és”. E cada uma das nossas sociedades precisa de estar atenta, para que um dia não se envergonhe de quem é.”* (ACIME<sup>12</sup>, sd).

Portugal tem várias organizações que asseguram apoio ao imigrante e são exemplos da preocupação e interesse na política de integração social. Entre as várias organizações a ACIDI - Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural um instituto público com a missão de colaborar na conceção, execução e avaliação das políticas públicas, transversais e sectoriais, relevantes para a integração dos imigrantes e das minorias étnicas, bem como promover o diálogo entre as diversas culturas, etnias e religiões, e que também engloba em si a ACIME - Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas como serviço de coordenação que promove a integração dos Centros de Apoio ao Imigrante (Centros Nacionais de Apoio ao Imigrante - CNAIS e Centros Locais de Apoio ao Imigrante - CLAIS), que se constituem como unidades orgânicas de acolhimento e informação de cidadãos imigrantes, o SEF – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras que executa a política de imigração e asilo de Portugal, de acordo com as disposições da Constituição e da Lei e as orientações do Governo, informando ao indivíduo os seus direitos e deveres e de que forma a lei o protege.

Também a política de acolhimento e integração de imigrantes em Portugal, reflete a importância dada aos imigrantes e aos deveres que a sociedade de acolhimento tem para com estes, tendo como base sete princípios<sup>13</sup>: a Igualdade, de direitos e deveres quer para cidadãos nacionais como estrangeiros e o combate a qualquer forma de discriminação; o princípio da Hospitalidade, responsável pela criação de organizações de apoio ao imigrante de forma a facilitar a sua integração; princípio da Cidadania que

---

<sup>12</sup> Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.

<sup>13</sup> ACIME. (s.d.). *As grandes linhas da política de acolhimento e integração de imigrantes em Portugal*. Obtido de <http://web.ccdr-alg.pt>

faz com que independentemente do indivíduo ser ou não cidadão nacional é um cidadão de pleno direito, pois é parte ativa da sociedade; princípio da Co-responsabilidade e Participação, em que o indivíduo deve tentar aproximar-se e participar da realidade social e cultural da sociedade de acolhimento – “*Os imigrantes devem ambicionar essa participação e, sobretudo, a sociedade de acolhimento deve estar aberta a essa participação na polis.*” (ACIME:3, sd); princípio da Interculturalidade – “*Num quadro de respeito mútuo e dentro da Lei, promove-se a afirmação da riqueza da diversidade em diálogo. Mais do que uma coexistência pacífica de diferentes comunidades, o modelo intercultural afirma-se no cruzamento e miscigenação cultural, sem aniquilamentos, nem imposições. Muito mais do que a simples aceitação do “outro” o modelo intercultural propõe o acolhimento do “outro” e transformação de ambos com esse encontro.*” (ACIME:3, sd) e o princípio do Consenso, “*em torno das questões da imigração, através do diálogo e da negociação, de um consenso político e social alargado.*” (ACIME:4, sd).

O empenho na integração dos imigrantes em Portugal também pode ser observado com a criação de um Plano para Integração de Imigrantes<sup>14</sup>, em 2007, que tem como finalidade “*identificar um conjunto de necessidades e respetivas respostas, assumindo o compromisso de dinamizar a concretização de 122 medidas, a cargo de 13 ministérios.*” (ACIDI:9, 2010).

---

<sup>14</sup> Diário da república, 1ª série - nº182 - 17 de Setembro de 2010

## 7. ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS ENTREVISTAS

De forma a compreender melhor o impacto da mudança de país nos entrevistados, no que respeita a sua identidade pessoal e cultural e perceber como decorreu o processo de integração em Portugal e quais as suas consequências, passar-se-á para uma reflexão sobre as respostas dadas.

O primeiro dado importante a registar é que todos os entrevistados que vieram de Angola apresentam o mesmo motivo para justificar a saída do país origem, a guerra civil que tomou conta da realidade do país após o fim da guerra colonial. Este fator é extremamente importante na construção da identidade do indivíduo, uma vez que quando existe um contacto inevitável entre duas culturas, resultantes de condições de conflito, a identidade torna-se uma questão complexa (Duarte, 1998). Tendo em conta o que Buber (1979) afirmou, que o Homem se torna Eu na relação com o outro, e sabendo que a construção da identidade se torna mais complexa em situações de conflito, é pertinente dizer que quanto mais conflituosa for a realidade mais dificuldades o indivíduo encontra quer na construção da sua identidade quer na relação com o outro.

Quando questionados sobre a integração em Portugal, percebe-se que a maioria integrou-se na sociedade, alguns porque já tinham familiares e/ou amigos e isso ajudou no contacto com outra realidade, demonstrando a importância que a família e amigos mais próximos têm na adaptação à sociedade e ao que a compõem. Nota-se, também que para alguns o facto de terem chegado a Portugal com outras pessoas vindas de África e terem mantido um grupo coeso e representativo do que tinham deixado para trás os ajudava na adaptação ao novo país. Pode-se questionar, se a continuidade do mesmo grupo de pessoas, independentemente da mudança de país, denota uma verdadeira integração, uma vez que o meio envolvente ao indivíduo continua o mesmo – *“eramos muitos a vir entre eles familiares e amigos da mesma idade. Houve um fluxo enorme de pessoal vindo das africanas (...)”*. No entanto sabendo-se que a sociedade é um organismo vivo (Spencer apud Cruz; 2004) e que a sua estrutura social tem como uma das características o dinamismo, pode – se depreender que mais cedo ou mais tarde o indivíduo irá deparar-se com situações (escola, emprego, eventos sociais, etc.) que lhe forneçam o contacto com a outra realidade cultural.

A adaptação do indivíduo ao meio que o envolve que é um fator muito importante na organização social (Parsons) só dessa forma se poderá construir uma sociedade com uma base firme e onde os seus membros se sintam em pleno uso das suas capacidades e compreendam os seus direitos e deveres. No entanto, como referido anteriormente a integração não tem como propósito suprimir diferenças e sim compreende-las para que se consiga encontrar soluções de forma integrar o indivíduo. Entre os entrevistados verifica-se que alguns encontraram diferenças no novo contexto social, igualmente evidenciadas pelos portugueses, o que tornou o processo de integração gradual. – *“Era tudo muito diferente. A escola era estranha para mim, a pronúncia era estranha (...) faziam alusão à cor e gozavam muito. Fui-me integrando (...)”*. A noção que o indivíduo tem do novo contexto social, também pode ser associada aos hábitos que tinha no seu país de origem, que faz parte da identidade próprio de cada país a já mencionada Cabo-verdianidade e Angolanidade (formas de estar, ser e agir, baseadas em características específicas de um país) – *“Na altura estranhei muito (...). Estava habituada a espaços livres e foi sentimento um pouco claustrofóbico.”*

De forma a compreender como se procedeu a integração dos entrevistados foi perguntado quais os apoios e meios que ajudaram na integração, sendo que mais uma vez o papel da família foi destacado, deixando compreender que a sua função, no que respeita aos valores transmitidos e à aprendizagem de papéis sociais, é reforçado e funciona como um alicerce em situações de mudança.

Para além da família a escola e os amigos revelam ser instrumentos de apoio para o indivíduo. A escola é um dos agentes responsáveis pela socialização secundária e fornece ao indivíduo *“(...) a interiorização de novos papéis sociais ou valores relativos a outros sectores da sociedade (...)”* (Amaro:87, 2006) e o ajudam a adaptar-se ao seu novo contexto. Um dos fatores também referidos pelos entrevistados foi a aprendizagem da língua, como anteriormente mencionado a língua é um ponto fulcral da adaptação à nova realidade social e cultural, pois é o fator de maior importante na comunicação entre as pessoas, refletindo-se na importância que os entrevistados lhe dão como fator que facilita e a integração.

Em relação a novos apoios ou meios que futuros imigrantes possam precisar para uma melhor adaptação e integração, os entrevistados revelaram que é necessária uma alteração da figura do imigrante - “ (...) *Ele vem ajudar a construir e não para tirar alguma coisa.*”- Mas também afirmam que o resultado da integração “*depende da forma de ser da pessoa*” e “*do contexto em que o imigrante chegou*”. Esta forma de pensar por parte dos inquiridos reforça a ideia de que o indivíduo em aculturação tem um papel ativo e importante na “escolha” das atitudes que adquire face ao processo de aculturação (contato entre duas culturas, que leva o indivíduo a assimilação de valores e comportamentos da cultura emergente), definindo qualquer sucesso no que respeita ao nível de integração e adaptação que revela.

Outro fato importante a registar nas entrevistas efetuadas é que grande parte dos indivíduos já tinha tido contacto com a cultura portuguesa, ou porque tinha amigos portugueses que viviam em Angola ou Cabo-verde, ou certamente por até então serem colónias portuguesas e existir inevitavelmente um contacto entre elas e a metrópole. Este fato não deixa, no entanto, de fazer com que todos os entrevistados confirmem nas suas respostas que registaram muitas diferenças comportamentais e sociais. Tendo em conta a problemática do trabalho – A conjuntura que nos envolve tem influência na identidade pessoal? – este ponto revela-se de extrema importância, na medida em que ajuda a compreender que fatores podem levar o indivíduo a não se identificar com o novo contexto social.

Na análise às respostas sobre as diferenças comportamentais e sociais observa-se que a maioria das diferenças registadas está ligada a forma de estar da sociedade que segundo os inquiridos é bastante diferente. Não se pode falar exatamente de conflito de valores sociais, no que se refere às diferenças registadas, mas sim a uma diferença na perceção desses valores e na construção dos mesmos. Segundo os entrevistados a sociedade portuguesa não tinha valores diferentes, tinha sim uma noção diferente desses valores e isso, naturalmente chocava com a noção que os cabo-verdianos e angolanos tinham. Pode-se no entanto refletir se as diferenças encontradas estavam ligadas à diferente perceção de valores ou ao período histórico que se vivia (pós 25 de Abril, saída de mais de 30 anos de ditadura), uma vez que o espírito conformista, o “cinzentismo”, o acanhamento e numa perspetiva mais estética as roupas escuras e as

expressões fechadas são os pontos de diferença identificados pelos entrevistados. Esta necessidade de evidenciar as diferenças de cada grupo leva a diferenciação entre o “nós” e o “eles” que pode originar conflitos (Sherif, 1970 apud Neto, 2003) e generalizações do um para o todo – *“existem algumas concepções erradas mas é normal de quem não conhece a cultura de perto. Apenas não gosto quando tentam generalizar toda a cultura africana, se pensarmos em fazer o mesmo com a cultura de todos os países da europa seria absurdo. Apesar de existirem semelhanças, porque somos o mesmo continente, cada país tem a sua identidade muito bem definida.”*

O 25 de Abril, que gerou uma onda de imigração para a antiga metrópole e a forma como foi dada a independência às ex-colónias, nomeadamente a Angola que posteriormente entrou em guerra civil, existindo muitos refugiados que procuraram exílio em Portugal, serve de justificação para os imigrantes em relação aos problemas que encontraram em Portugal e à forma como foram recebidos pelos portugueses – *“Não fomos muito bem recebidos e viam-nos como uma ameaça. Uma grande quantidade de pessoas vinham de repente para um país pequeno. Penso que era um sentimento normal por parte das pessoas que viviam em Portugal. Mas nós não queríamos ameaçar o espaço de ninguém. (...) Aos poucos esse sentimento e má vontade foi desaparecendo, é um sentimento humano ao fim ao cabo.”*; *“Na altura muitas pessoas vieram para Portugal quase que era desculpável o sentimento de “invasão” e o desconhecimento, quer dizer, estávamos nos anos 70, a sair de uma ditadura, era diferente (...), atualmente não se percebe certos comentários racistas, não se percebe mesmo.”* Pode-se concluir que o contexto em que se chega a um país pode justificar as atitudes daqueles que recebem os imigrantes, não sendo no entanto esta desculpa aceitável para todos os períodos de tempo, ou seja é necessário que exista uma evolução do pensamento à medida que a realidade social vai mudando. Seguindo esse pensamento e a teoria de Peter Berger e Thomas Luckman que refere que o Homem é uma produção social, pode-se compreender que a sua evolução tem na base acontecimentos que alteram a sua realidade social, assim sendo será de esperar que com o passar do tempo as suas concepções se alterem e o seu comportamento em relação a situações específicas (imigração, contato com culturas diferentes) também.



É também importante mencionar dois aspetos relevantes para a imagem que os entrevistados fizeram de Portugal à chegada. Num primeiro ponto e ainda em relação ao contexto histórico e político, apesar de até então viverem no mesmo regime político e sob o domínio de Portugal, a vivência nas ex-colónias era diferente – *“Nós em África tínhamos mais liberdade que em Portugal apesar de também não termos liberdade de expressão não era tão castradora com a de cá.”*; Num segundo ponto a hospitalidade, a acessibilidade e *“ a proximidade cultural e de costumes, pois havia muitos portugueses em cabo-verde e era um povo próximo ”* ajudaram a ultrapassar problemas e desafios encontrados num primeiro contacto.

Como anteriormente foi referido o sentimento de pertença é importante e o que meio social a par do meio ambiental e comunitário é decisivo para a construção da personalidade/identidade (Calado, 2013), quando inquiridos sobre que cultura era mais preponderante sua vida atual, a maioria dos indivíduos respondeu ser a cultura do país de origem com um misto da cultura do país de acolhimento, justificando com o facto de estar no país de acolhimento a muito tempo e por isso seria inevitável que a cultura portuguesa não tivesse impacto na vida atual. Muitos referenciam a ligação à cultura portuguesa pelo espírito nacional que foi crescendo – *“ (...) vibro com a seleção portuguesa ”*; *“Vivo todas as emoções deste país como português.”* - chegando mesmo a estabelecer uma relação de interdependência: *“tenho direitos e deveres para com o país. Tenho liberdade de exigir o que é meu e de escolher o melhor para Portugal, porque isso também faz parte do meu futuro.”*. Outros justificam-na pela construção de uma vida que engloba a cultura portuguesa, desde cônjuges de nacionalidade portuguesa, a amigos, trabalho e filhos.

De forma a compreender melhor o impacto das duas culturas (país de origem e país de acolhimento), na construção da personalidade/identidade, também foi questionado qual a cultura que teve mais influência na construção da identidade do indivíduo, gerando esta pergunta uma sensação de que os entrevistados se questionavam a si mesmos, respondendo e ao mesmo tempo analisando e justificando o porquê das respostas – *“Um misto? Não sei responder ao certo porquê, a cabo-verdiana é a base da minha educação, mas a portuguesa também é importante porque vivo cá e porque tenho amigos portugueses, trabalho com portugueses. Um misto. Mas a cultura africana tem*

*muito peso. Não sei ao certo.” Sendo assim observa-se que a maioria dos entrevistados não têm uma resposta muito fundamentada para a questão, refletindo sobre a educação que tiveram (que é maioritariamente a educação com base nos valores do país de acolhimento) e a vivência de anos no país de acolhimento como dois pontos indissociáveis da sua identidade – “É a cultura dos meus pais. Pelos valores pelo que me foi passado e que eu passo para as minhas filhas. A noção de respeito, liberdade, de sermos gente, de respeitar os outros. A influência da cultura portuguesa tem a ver com alguns retoques que talvez se voltasse para África algumas coisas me chocaria. O homem branco tem umas “fitas” que às vezes até ficam bem. O homem negro é mais solto. A mistura das duas é uma boa forma de estar.”.*

De registar, um ponto interessante no que respeita a construção da personalidade e a influência das culturas na mesma, é que o processo de aculturação, nomeadamente a assimilação de valores e padrões comportamentais, não precisam ser assimilados em contacto direto com a cultura diferente, podem apenas ser observados e aprendidos apenas por observação – “Penso que a cultura que me influencio foi uma mistura daquela que nos era transmitida através dos meios comunicação (filmes de criança, os heróis americanos) e claro a cultura de Cabo-verde e de Portugal”.

Colocando de um ponto de vista mais abrangente, e abordando a identidade tendo em conta os continentes onde estão geograficamente colocados tanto o país de origem, como o país de acolhimento, revelou-se importante perceber se os entrevistados se consideram mais europeus ou africanos, sendo algumas respostas, à semelhança da anterior questão, refletivas – “Tem alturas em que me sinto mais africana...Tenho momentos em que me sinto portuguesa e outros em que me sinto africana, mas muito desfasada. Não me sinto portuguesa quando querem menosprezar África! Naquela vontade de me querer identificar talvez me sinta mais europeia numas alturas e mais africana noutras... não posso negar a minha identidade!”- Poderá interpretar-se este sentimento com normalidade uma vez que a identidade é sempre incompleta, pois é a procura da adaptação ao mundo que nos rodeia (Moreira, 2007). No entanto existem respostas que contrariam esta afirmação, deixando a entender que quando se tem plena consciência da identidade individual é mais fácil se posicionar no mundo, tendo em conta as diversas e distintas variáveis – “Sou cabo-verdiano! Não me considero nem

*africano, nem europeu. Sou um cabo-verdiano, que vive na Europa, bem adaptado e bem integrado.”, “Sou africana. São as minhas raízes e tenho muito orgulho. Não tenho de ser europeia! Posso “beber” e escolher. O afastamento da minha terra não me faz deixar de ser africana.”.*

O peso da cultura e a força/impacto que tem, também é um fator importante na relação que o indivíduo estabelece com a mesma - *“a cultura europeia é muito forte em relação à música, filmes e é muito abrangente”, “a cultura cabo-verdiana (...) é uma cultura muito forte, muito ciosa dos seus sons e sabores.”.*

Em relação à hipótese de voltar para o país de origem as respostas dos entrevistados são distintas sendo que uns já pensaram em voltar mas o facto de terem construído vida em Portugal e sentirem-se bem com as condições que o país oferece, levanta outras questões - *“Sim, já pensei em voltar. Razões familiares e o facto de durante este tempo ter vido numa realidade social que me agrada impedem que esse desejo se concretize.”;* e outros afirmam que não, justificando que, a vida que construíram e o gosto por Portugal não faz com que a vontade de voltar fale mais alto - *“Não, tenho a minha vida aqui. Sim para visitar mas voltar não”, “Não ponho esta hipótese. Está fora de questão! Não sou pessoa de voltar para o passado, caminhar é para a frente”.*

Como mencionado os indivíduos numa sociedade vivem, pensam, agem e comportam-se de formas distintas criando uma realidade social independente das estruturas sociais e culturais (Schutz, 1953) - *“Acho que é uma questão de identidade se a pessoa se identifica ou não (...)”, “ (...) sinto-me adaptado mas só vai até aí mesmo.”*Pode-se depreender, tendo em conta a resposta de alguns entrevistados, que apenas eles poderão assumir o grau de adaptação que querem ter na sociedade de acolhimento, dando ênfase à ideia de que a ação humana e as relações entre os membros da sociedade é que fornecem uma verdadeira integração social, sendo que a essa disponibilidade depende única e exclusivamente da vontade dos agentes sociais pela Assimilação, Integração, Separação e Marginalização em relação à sociedade de acolhimento.

Por fim, e para uma maior facilidade em compreender a noção de identidade que cada entrevistado tem, foi questionado se pensavam que as suas vidas seguiriam o mesmo rumo se tivesse ficado no seu país de origem, sendo as respostas, mais uma vez um misto de reflexão com análise (ou mesmo questionamento) à própria resposta.

*“Não. As oportunidades são diferentes, mas há pessoas que tem o mesmo estilo de vida que eu no meu país de origem. Não aconteceu simplesmente. Mas não rejeito a hipótese de regressar um dia. Mas se calhar sentir-me-ia com uma estranha. Lá também mudou! Eu sou de uma África parecida com a realidade europeia e agora é diferente.”*

*“Está é difícil de responder, mas acredito que talvez seguiria um rumo diferente.”*

*“Certamente não. São dois sítios diferentes, duas escolas diferentes, dois países diferentes. Não me tornaria noutra pessoa! Até aí não sei...mas nenhum dos meus primos que lá ficaram se tornou!”*

*“Nunca pensei nisso, mas naturalmente não. Não sei se me iria alterar a forma de ser, talvez viver num país em guerra...é provavelmente...quase de certeza. Sim de certeza seria uma pessoa diferente se tivesse ficado, por causa da guerra.”*

*“Provavelmente não. Parece-me impossível ser igual não passando por as experiências que passei ou passando por outras. De certeza que teria a mesma base porque isso vem de educação!”*

Por outro lado à quem considere a vida para Portugal decisiva no rumo que a sua vida tomou – *“Não de maneira nenhuma. Uma das coisas que me fazer ver o 25 de abril como uma coisa positiva é facto de me ter proporcionado o crescimento como pessoa, desenvolver-me, tinha muitas limitações próprias da ideologia da época.”*

Em jeito de análise geral, pode-se afirmar que a construção da identidade/personalidade num contexto de encontro de duas culturas, torna-se mais complexa. Entre os diversos fatores que o indivíduo passa ao longo de todo o processo de migração é de destacar: o motivo pelo qual deixou o seu país de origem e que

impactos essa realidade lhe trouxe; a forma como é recebido no país de acolhimento, desde direitos sociais e políticos à maneira como a sociedade de acolhimento olha para ele, para sua comunidade e consequentemente para os seus valores e costumes; a sua integração, tendo como base uma relação de reciprocidade (social, institucional, política) em relação à sociedade do país de acolhimento de forma a se integrar completamente no meio social; a adaptação e assimilação ao novo contexto social e cultural; a liberdade que lhe é dada na expressão da sua própria cultura e o respeito e apoio que sente por parte da sociedade de acolhimento, que se refletem em iguais condições sociais de forma a construir a sua vida como qualquer cidadão natural de Portugal.

## **CONCLUSÃO**

A Revolução dos Cravos e a independência das ex-colónias entre 1974 e 1975 originou uma reorganização do poder nas ex-colónias e em Portugal. A guerra e a

33

procura de novas condições de vida são os principais fatores do êxodo dos africanos que residiam em Angola para Portugal.

Relativamente a Angola e Cabo-Verde pode-se concluir que o contexto social e cultural dos indivíduos que o estudo aborda (cabo-verdianos e angolanos) é distinto. Começando na forma como estes países foram colonizados, à realidade vivida nas ex-colónias.

Com a elaboração deste trabalho percebe-se ainda que a uma sociedade só o é verdadeiramente se entre si estabelecer relações que alimentem a ideia de que cada parte que a compõe é parte integrante e importante no todo. A sociedade é um organismo vivo com uma estrutura social dinâmica e complexa inerente a qualquer organismo que é afetado por acontecimentos até agora desconhecido. No caso do estudo em questão, a vinda de uma grande parte de pessoas das ex-colónias representa o desconhecido e tem impacto na realidade da sociedade portuguesa, assim como em todas as pessoas que desembarcaram em Portugal. Existe assim, um duplo impacto: se de um lado a sociedade estava a ser alterada pela entrada de novos cidadãos culturalmente diferentes, provocando naturalmente uma mudança e adaptação às exigências que a nova realidade lhes pedia, do outro também as pessoas que saíram do seu contexto social/cultural (muitos fugidos da guerra) eram obrigadas a adaptar-se de modo a fazer parte de uma nova sociedade e realidade social.

No que diz respeito à importância das comunidades na referida nova realidade social percebe-se que a comunidade que representa os valores e costumes típicos da terra natal é um importante elo de ligação ao país de origem, esta funciona como uma forma do indivíduo não se sentir desprotegido e sozinho, facilitando-lhe a inserção na comunidade e posteriormente uma melhor integração na sociedade de acolhimento.

A construção da identidade é um aspeto importante na mudança de contextos socioculturais uma vez que o meio social, ambiental e comunitário é decisivo para a construção da personalidade do indivíduo (Calado, 2013). A ligação que o indivíduo estabelece com o meio que o rodeia reforça um sentimento de pertença e estimula-o a um comportamento social, podendo no entanto este comportamento divergir em certos

57

aspectos tendo em conta a conjuntura que rodeia o indivíduo. O ambiente em que o indivíduo viveu ou vive e a comunidade e cultura que integra ou em que está inserido pode ter um papel preponderante na construção da sua identidade, bem como, as influências genéticas e o conjunto de comportamentos que adquire ao longo da sua existência e da sua vida atual são modeladores da personalidade e identidade do indivíduo (Hélio, sd).

Ainda no que respeita à construção da personalidade do indivíduo conclui-se que o papel da família é extremamente importante como agente de socialização primária, pois ensina regras básicas, desde hábitos de higiene a como nos comportar em sociedade, e valores que se revelam importantes no desempenho de papéis sociais (Amaro, 2006). A família também é importante na aprendizagem social (a capacidade que o indivíduo tem de reproduzir um comportamento observado, através a imitação, observação e reprodução dos comportamentos dos outros em situações sociais, ou seja a forma como o indivíduo age em situações sociais reflete-se na forma como *o outro* age também, traduzindo-se esta interação fundamental para o processo de socialização (Bandura in Infopédia, 2003).

Em suma, a família é o primeiro e grande contacto com *o outro* que o indivíduo estabelece, possibilitando a socialização e a aprendizagem, peças fundamentais na construção da personalidade do indivíduo, pois o meio envolvente pode determinar a forma como se observa determinada realidade.

A socialização secundária é um conceito extremamente importante na construção da identidade pois é aí que se processa a saída da “zona de conforto”, o encontro com referências e valores diferentes e a solidificação de uma forma de estar, pensar, agir e atuar por parte do indivíduo. Escolhas, atitudes, comportamentos, ações tomam uma dimensão de grupo mas ajudam ainda mais a definir o individual e a coloca-lo numa posição no meio social desencadeando uma visão sobre eles e inserindo-os na vida em sociedade.

Relacionando a questão da identidade aos fluxos migratórios, no que respeita a uma mudança social, mais precisamente uma mudança cultural o indivíduo irá sofrer

vários processos que irão intervir com a sua forma de se ver e consequentemente comportar sendo a aculturação, a exposição, interação e contacto a uma cultura diferente, responsável por modificações culturais no indivíduo (Pires, 2010). Estes fatores potenciam o contacto com outra realidade cultural diferente e tem um papel importante na construção de novas sociedades em que os indivíduos que as compõem veem de contextos socioculturais diferentes, tornando estas sociedades miscigenadas. O conceito de aculturação psicologia é também um conceito importante na compreensão das consequências do processo no indivíduo, pois tendo em conta o conceito as mudanças operam-se a nível individual e refletem-se no comportamento, identidade, valores e atitudes. É de registar no entanto que as mudanças que se observam em relação à sociedade não englobam, da mesma maneira, todos os indivíduos em aculturação (Neto, 2003).

O processo de aculturação tem várias consequências, entre elas: a formação da diferenciação entre o “*nós*” e o “*eles*” onde existe uma necessidade de evidenciar as diferenças de cada grupo, gerando conflitos (Sherif, 1970; in Neto, 2003); consequências comportamentais, de personalidade e cognitivas, a linguagem, a identidade e as atitudes (que o indivíduo opta face a nova realidade que lhe é apresentada - assimilação, integração, separação e marginalização – que tem impacto na sua integração), que são modificadas durante o processo de aculturação (Neto, 2003); e o stress de aculturação, quando o processo de aculturação contem vários fatores e agentes de stress.

No que respeita à integração social conclui-se que esta procura estabelecer uma espécie de coesão e união social, sem no entanto deixar de reconhecer que a sociedade é diversificada e os indivíduos que nela vivem, pensam, agem e comportam-se de formas distintas criando uma realidade social independente das estruturas sociais e culturais (Schutz, 1953). Assim sendo, e tendo em conta que a integração social tem como base a interação e a reciprocidade entre os agentes sociais (Giddens, 1984) foram feitas um conjunto de políticas nacionais de forma a facilitar a integração do indivíduo na sociedade de acolhimento.



Como resposta à problemática do trabalho, que incide na necessidade de perceber se a identidade pessoal é influenciada pela conjuntura que nos envolve e tendo em conta as conclusões da análise das entrevistas realizadas a angolanos e cabo-verdianos vindos das ex-colónias, Angola e Cabo-Verde, conclui-se que a conjuntura que nos envolve tem impacto na identidade pessoal, contudo não se pode afirmar de forma taxativa que a altera, isto é nas entrevistas ressalta a ideia de uma identidade ligada ao país de origem, mas simultaneamente a esta acresce uma nova identidade a do país de acolhimento, logo pode concluir-se que à como que uma convivência de duas identidades o que poderá eventualmente gerar uma nova identidade. É seguro afirmar que qualquer influência cultural resulta num sistema cultural e social alterado e numa alteração psicológica no indivíduo. Logo, é certo de que quando o indivíduo tem contacto com duas realidades culturais diferentes, as duas têm influência na construção da sua personalidade, que num contexto de encontro de duas culturas, torna-se mais complexa.

Relativamente aos diversos fatores que o indivíduo passa ao longo de todo o processo de migração destaca-se: o motivo pelo qual deixou o seu país de origem e que impactos, essa realidade lhe trouxe; a forma como é recebido no país de acolhimento; a sua integração, tendo como base uma relação de reciprocidade (social, institucional, política) em relação à sociedade do país de acolhimento; a adaptação e assimilação ao novo contexto social e cultural; a liberdade que lhe é dada na expressão da sua própria cultura e o respeito e apoio que sente por parte da sociedade de acolhimento, que se refletem em iguais condições sociais de forma a construir a sua vida como qualquer cidadão natural de Portugal.

Percebe-se também que a identidade pessoal e a identidade cultural estão estreitamente ligadas, sendo que a cultura, por norma, representa uma base na educação<sup>15</sup> do indivíduo, tornando-se um fator presente na sua vida. Quando se fala em educação aliada à cultura do país de origem, percebe-se que a sua presença e impacto, na vida do indivíduo em aculturação, depende de fatores externos, como a família e os amigos, podendo concluir que se o indivíduo em aculturação, é próximo da sua cultura

---

<sup>15</sup> Aqui vista como socialização primária.

de origem, é em primeiro lugar, devido ao contacto com família e amigos da mesma cultura. No entanto, não se pode afirmar qual o grau de importância dessa transmissão de valores culturais e sociais, na vida do mesmo.

A preservação da identidade, ou a sua alteração está relacionada com o nível de adaptação ao meio social, não podendo no entanto afirmar que existe uma perda total da identidade cultural do país de origem, se existir integração.

Do ponto de vista da sociedade de acolhimento, pode afirmar-se que o meio social e as constantes mudanças, que nele ocorre, moldam a capacidade de adaptação dos membros da sociedade, (devido ao esclarecimento de aspetos sociais e culturais referentes ao que até então era desconhecido) criando novos contextos socioculturais. Assim o processo de aculturação não muda apenas o indivíduo em aculturação, mas toda a sociedade.

Em suma, a identidade pessoal é um somatório de influências internas e externas ao indivíduo, que acontecem sem precisar que este tenha influência direta. No entanto o processo de aquisição de novas formas de pensar, crenças, valores ou comportamentos não destrói aquelas que o indivíduo tinha anteriormente, sendo assim não existe uma perda da identidade cultural, mas sim um acréscimo à identidade pessoal do indivíduo.

Em jeito de resposta à problemática do trabalho, pode-se concluir que a identidade pessoal é influenciada pela conjuntura que nos envolve, mas esta não perde traços importantes para o indivíduo, pois este apenas retém características sociais e culturais e padrões de comportamento que se identifica. Somos definidos pela nossa cultura é verdade, mas também somos nós que a definimos, tornando tradição aquilo que é representativo e deixando “cair” aquilo que não se justifica. Afinal de contas somos todos organismos vivos, sujeitos a mudanças por nós produzidas e mudanças por parte do mundo que nos rodeia - *“Na natureza, nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”* (Lavoisier, sd).



## BIBLIOGRAFIA

ACIDI. (s.d.). *Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural*. Obtido em Julho de 2013, de [www.acidi.gov.pt](http://www.acidi.gov.pt)

ACIME. (s.d.). *Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas*. Obtido em Julho de 2013, de [www.acidi.gov.pt](http://www.acidi.gov.pt)

ACIME. (s.d.). *As grandes linhas da política de acolhimento e integração de imigrantes em Portugal*. Obtido em Junho de 2013, de <http://web.ccdr-alg.pt>

Aculturação. In Infopédia. Porto: Porto Editora, 2003-2013. [Consult. 2013-06-13].Disponível na [www](http://www.infopedia.pt): <URL: <http://www.infopedia.pt>

Adamopoulos, S. (2011). *Voltar - Memória do Colonialismo e da descolonização*. Lisboa: Planeta.

Almeida, J. F. (1993). Integração social e exclusão social: algumas questões. *Análise Social* vol. XXVIII , pp. 829-834.

Amaro, F. (2006). *Introdução à Sociologia da Família*. Lisboa: ISCSP.

Aprendizagem social. In Infopédia. Porto: Porto Editora, 2003-2013. [Consult. 2013-06-13].Disponível na [www](http://www.infopedia.pt): <URL: <http://www.infopedia.pt>

Bartle, P. (s.d.). *O Que é comunidade? Uma Perspectiva Sociológica*. Obtido em Junho de 2013, de Colectivo Fortalecimento da Comunidade - CEC: [www.cec.vcn.bc.ca](http://www.cec.vcn.bc.ca)

Bechelloni, A., Bellieni, S., & Pischel, E. C. (2005). *História Universal - A Idade dos Totalitarismos e a Segunda Guerra Mundial Vol.15*. Grupo COFINA.

Berger, P., & Kuckman, T. (1986). *La Construction Sociale de la Réalité*. Paris: Méridiens-Klincksieck.

Buber, M. (1979). *Eu e Tu*. São Paulo: Moares.

Cabral, G. (s.d.). *Mundo Educação*. Obtido em Julho de 2013, de <http://www.mundoeducacao.com>

Calado, C. (23 de Agosto de 2013). Sociedade Civil (VIII) - A personalidade vem no ADN? - Episódio 154. (E. Maio, Entrevistador)

Cruz, M. d. (2004). *Teorias Sociológicas - Os Fundadores e os Clássicos (Antologia de Textos) - 1 Volume*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Duarte, D. A. (Julho de 1998). *Literatura e Identidade: Uma Abordagem Sociocultural. Cultura - Cabo-Verde*, pp. 7-15.

Educação, B. (9 de Junho de 2013). *Socialização Secundária*. Obtido em Julho de 2013, de Blog Educação: <http://sociologygrup.blogspot.pt/>

Elói, J. (7 de Março de 2013). *Psicologia Free*. Obtido em Julho de 2013, de <http://www.psicologiafree.com>

Fontes, C. (s.d.). *Emigrantes Cabo-Verdianos em Portugal*. Obtido em 25 de Maio de 2013, de Lusotopia: <http://lusotopia.no.sapo.pt/>

Fontes, C. (s.d.). *Portugal como Destino - Africanos em Portugal*. Obtido em Março de 2013, de Imigrantes: <http://imigrantes.no.sapo.pt/>

Freire, P. (1980). *Conscientização: Teoria e Prática da Libertação*. São Paulo: Moraes.

Freire, P. (1983). *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Guerra.

Giddens, A. (1984). *The Constitution of Society: An Outline of the Theory of Structuration*. Cambridge: Polity Press.

Guilhardi, H. (2000). Lições de Vida para Pais e Educadores. *Dr. Jornal em Revista*, 5-8.

Knoke, A., Figueiredo, E., Tajfel, H., Leyens, J.-P., Correia Jesuino, J., Caeiro, L., et al. (1982). *Mudança Social e Psicologia Social*. Livros Horizonte.

Moreira, C. D. (2007). *Identidades Culturais, Pluralismo e Globalização*. Lisboa: ISCSP.

Neto, F. F. (2003). *Estudos de Psicologia Intercultural - Nós e Outros*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Oliveira, E. (27 de Setembro de 2010). *MIC- Metodologias de Investigação Científica*. Obtido em Agosto de 2013, de <http://paginas.fe.up.pt/>

ONU. (24 de Outubro de 1945). *Carta das Nações Unidas*. Obtido em Abril de 2013, de [www.fd.uc.pt](http://www.fd.uc.pt)

Pires, C. (5 de Novembro de 2010). *O que é a aculturação?* Obtido em Junho de 2013, de Caderno de Sociologia: <http://cadernosociologia.blogspot.pt/>

Pires, R. P. (1999). Uma Teoria dos Processos de Integração. *Sociologia - Problemas e Práticas* nº 30, pp. 9-54.

Schutz, A. (1953). *Sens Commun et Interprétation Scientifique de l'Action Humaine*. Le Chercheur.

Silva, G. (28 de Fevereiro de 2012). *Os processos de descolonização após a 2ª Guerra Mundial*. Obtido em Abril de 2013, de Linha do Tempo: <http://estudarhistoria12.blogspot.pt/>

Silva, P. N. (2009). *Citações e Pensamentos de Fernando Pessoa*. Lisboa: Casa das Letras.

Tuccari, F., De Luna, G., & Duroselle, J.-B. (2005). *História Universal - Do Início ao Fim da Guerra Fria Vol.16*. GRUPO COFINA.

Vaz, C. (2006). *Afinal quem sou eu? - A identidade de crianças de origem cabo-verdiana em espaço escolar*. Lisboa: ISCSP.